N.º 137 (3.º)—(259)—5.º ANNO Quinta-feira, 26 de Junho de 1913 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS
COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas Officinas Graphicas do jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successor do jornal XUÃO Redacção administração, R. do Poço dos Negros, 81

Á PESCA

O diabo é se o peixe come a isca... e deixa o anzol!...

Nós, o sr. França Borges e "O Sindicalista"

Nas officinas d'*O Zé* foi confeccionado o ultimo numero do jornal operario *O Sindicalista* que a policia entendeu por bem apprehender, aprehensão que se realisou no sabbado, 21 pelas 3 horas da tarde, isto quando na vespera se tinha entregado á administração do dito jornal uma porção grande de exemplares. Todos os nossos collegas da imprensa diaria deram a noticia mais ou menos certa, mas um jornal houve que se quiz differencear o que deu logar a sermos obrigados a applicar-lhe o devido correctivo.

Esse jornal foi *O Mundo* (1) do sr. França Borges e pela leitura da noticia que vamos transcrever verão os nossos leitores o veneno com que o dito senhor a escreveu:

A policia de investigação foi ontem ás oficinas tipograficas de um semanario, situada na rua do Poço dos Negros, e ali fez a apreensão de bastantes exemplares de certo jornal, que foram conduzidos para o governo civil. O proprietario da tipografia foi intimado a ir á repartição de investigação prestar declarações.

Como não podia deixar de ser, escrevemos o seguinte ao sr. França:

Lisbôa, 22 de Junho de 1912.

Cidadão França Borges.

Em nôme da Verdade, que muito prézo, peço-lhe a fineza de declarar no vosso jornal, que foi mal informado a proposito da noticia que hontem publicou sobre a apprehensão de *certo jornal* (textual) nas officinas typographicas de *um semanario* (textual) na Rua Poço dos Negros.

Não sei quem redigiu tão verrinosa noticia, mas, certamente o cidadão não teve d'e la conhecimento, aliás tel-a-hia modificado, declarando, pelo menos, o nome do *tal* semanario. Mas, voltando ao principal assumpto:

O proprietario das officinas não foi intimado a prestar declarações na repartição de investigação, mas, pelo contrario, elle é que se dirigiu ao governo civil a fim de se informar d'onde tinha partido semelhante ordem (refiro-me á apprehensão d'*O Sindicalista*).

Não tendo conseguido fallar ao governador civil, nem ao commandante da policia, fui recebido pelo chefe Sarmento, a quem expuz o succedido, pedindo um documento comprovativo da apprehensão, para apresentar á administração d'*O Sindicalista*. O dito chefe, que foi da maxima amabilidade, promptamente deu as suas ordens para que me fosse entregue uma copia da apprehensão. Esta é que é a Verdade. Em nome d'ella, repito, peço-lhe a modificação á noticia publicada.

Esperando o deferimento do meu pedido, aguarda as v. ordens o v. correligionario

Estevão de Carvalho.

(Director d'*O Zé* e co-proprietario das Officinas Gráphicas do dito jornal).

Sua ex.ª, *em resposta* e sem publicar a nossa carta como era o seu dever, atreveu-se a vomitar insolencias como as que os nossos leitores vão lêr:

Em resposta.

O sr. Estêvão de Carvalho, director de um antigo jornal de caricaturas, escreve-nos a proposito duma local que publicámos ontem sobre a apreensão de certo jornal nas oficinas dum *semanário*, situadas na rua do Pôço dos Negros, para nos dizer que não foi intimado a prestar declarações na repartição de investigação, mas, pelo contrario, foi elle proprio quem se dirigiu ao governo civil a saber donde partira a ordem para se aprehender a tal gazeta. Rectificando a noticia, conforme nos é solicitado, temos de passagem a dizer que o sr. Estêvão de Carvalho, que aliás recebeu d'*O Mundo*, durante muito tempo, provas de simpatia, não tem direito a estranhar que não citassemos o nome do semanario de que é director, desde que no mesmo, deu guarida a um colaborador do *Portugal* e até ali, segundo nos informam, se publicaram coisas que não passavam de agravos á Republica e a alguns dos seus homens mais eminentes. E temos dito.

Com referencia ao redactor do *Portugal*, vamo-nos informar a quem s. ex.ª se quer referir e no proximo numero fallaremos.

Sobre os aggravos á *Republica*, mais uma vez aquelle senhor mente, com o proposito firme de nos indispôr com a grande familia republicana, mas esteja certo que não consegue o seu fim.

N'*O Zé*, nunca em epocha alguma se atacou a Republica; aqui só os homens teem soffrido as mais acres censuras, pois, coherentes com o nosso passado, não podemos consentir silenciosamente que os processos usados pela monarchia sejam hoje postos em pratica por muitos republicanos que já se esqueceram de tudo o que disseram e prometeram no tempo da propaganda.

Sua ex.ª sabe bem que temos razão no que escrevemos, mas, obedecendo ao seu temperamento venenoso, aos seus instinctos e ainda para agradar a alguem — se é que taes processos não lhe vão causar tédio—atreve-se a expelir insidias no que sempre tem conseguido ser inimitavel.

E basta para quem nem tanto merece.

(1) Ao contrario do *Mundo* temos sempre por norma publicar o nome do jornal a que nos queremos referir.

Ha certos republicanos que entendem que os correligionarios hão de estar sempre de joelhos e a bater nos peitos perante os politicões do regimen, ainda mesmo quando eles pratiquem as maiores asneiras. Essa pretensão, além de estulta e ridicula, prova bem que taes individuos não teem o espirito republicano, mas tão sómente o de *fétichismo*, que caracterisava a defunta monarquia.

Se estivessemos filiado em qualquer dos partidos *legaes*, haviamos de proceder da mesma fórma que adoptámos: descompor os corifeus que andam mal e elogiar os que teem juizo. E assim, apesar de nutrirmos uma grande sympatia pessoal pelo Affonso Costa, não hesitariamos em o zurzir, quando attentasse contra os bons principios, e, pela mesma razão, eramos capaz de louvar o Brito Camacho, se elle fosse susceptivel, num momento, de praticar qualquer acção proveitosa para o paiz.

Não é só lacaio quem veste libré...

—O Alfredo Magalhães vae ter nova zaragata: desta vez é com a Comissão Municipal Republicana de Lisboa, que, qual *Magriço*, ou antes qual *Magriça*, acudiu em defeza das damas—ministros ameaçadas pelo impetuoso democrata.

—*André Deed* foi muito amavel comnosco, dedicando-nos o seu ultimo *Intantaneo*, publicado neste semanario. O que desejavamos que o fino contista nos explicasse é a razão porque a *pequena* estava disposta a enganar o amoroso, só noutro tempo, e não hoje...

Só se é por ele lhe ter agora aumentado a ração... *de amor!*...

—Na peça fantastica da Trindade, denominada *O fim do mundo*, fala-se no dr. *Brito Capacho*. Noutro theatro já ouvimos citar o *Cabrito Macho*. Trata-se, evidentemente, de alcunhas postas ao chefe *onanista*, da *Dança da Lucta*, já conhecido tambem por *Alma Negra*, sendo na verdade um genuino *Alma do Diabo*. . que o carregue...

—Torna-se indispensavel que os deputados que partiram carteiras paguem do seu bolsinho o prejuizo causado. Numa unica hipotese deveriam ser dispensados de largar a *massinha:* era se tivessem esmurrado as ventas do Brito Camacho, deixando-o a latir por algumas horas...

Bacteriologista.

Mau gosto

A sr.ª D. Maria Velleda está muito exaltada porque os republicanos, no tempo da monarchia, não se fartavam de fazêr festas ás mulheres, para as atrahirem á politica, ao passo que, actualmente, despresam-nas.

Estamos a vêr d'aqui os republicanos a fazerem festas a homens...

Primavera

Rompe a orquestra do campo; alegram-se os pomares!
Na curva azul do ceu uma andorinha esvoaça;
Rasga-se o nevoeiro, e Baccho cheio de graça
Nos vinhêdos ensáia os lubricos cantares.

Lagrimas de oiro e luz desprendem-se dos ares;
As papoilas erguendo a incendiada taça
Encantam a campina: e a Primavera passa,
Espalhando pela terra encantos singulares.

Há contrastes de luz, ha vida na floresta;
A seiva revigora o pinheiral sombrio;
Anda a abelha zumbindo em torno da giésta.

Solta o melro na eira o perfido assobio;
E ante um espectaculo assim — a Natureza em festa! —
Eu esqueço que inda devo a renda ao senhorio...

Manoel Chagas.

Para o prégo...

Senhôra: o vósso cabêlo
E' fio d'oiro intrançádo
Pentiado com disvélo,
Que o lindo rôsto rosádo
Vos *torna ainda* mais bélo!...

— São doiro, diz? ó co'a bréca!
Como me deixou contente
Francamente, não o nêgo:
Prefiro ficár carêca
E vou d'aqui um repente
Espetár com êl' no prégo...

Porto, 1913. *Salvaterra Junior.*

N'um dos dias da ultima semana appareceu-nos a typographia cercada por todos os lados. Adivinhem lá de quê! De policia!!!!!

Que diabo será isto? perguntámos aos nossos botões. Nada. Não responderam.

Fomo-nos informar pela visinhança e, então, soubémos muita coisa. Soubémos que esses objéctos a que se dá o nome de policias nos guardavam desde as duas da madrugada. Uns de bengala, outros de terçado, aqui permaneceram horas prolongadissimas debaixo d'um orvalho que os entretelava e os punha parallélos aos cunhaes dos predios circumvisinhos.

O visinho carvoeiro disse-nos que já tinham andado de manhãsinha por cima d'um certo telhado que elle nos apontou com o dedo encardido. Immediatamente nos dirigimos para alli, na esperança de colhermos algumas informações. Appareceu-nos um gato amarello, meio derretido pelo calôr.

— Olá, seu bichano!

— Que quér?

— Quero fazêr-lhe algumas perguntas.

— Então diga depressa porque tenho que ir comêr o bofe á cosinha do segundo andar.

— Você viu hoje alguem, cá no telhado?

— Vi, sim, senhor! Vi o limpa chaminés, de manhãsinha e, d'ahi a pouco, uns individuos que me pareceram bufos.

— Que estiveram cá a fazêr esses individuos?

— Olhe, estiveram a divertir-se com o panorama e a fazêr-me fugir de vêz em quando.

— Só?!

— Acha pouco? Pois digo-lhe que fizeram bem em se retirarem porque gatos ha cá muitos. E não me incommode mais, porque farto de palavriado estou eu! Adeus!

E, sem dizêr mais nada, desatou a fugir pelo algeiróz.

Continuámos a matutar, incapazes de darmos ao certo com a solução do enygma. Que viriam cá fazêr aquelles typos que se agglomeravam ás esquinas, desde as duas horas da madrugada? Pois se nós estavamos a dormir e só nos levantámos ás oito!... Com certêza andava moiro na costa...

Tantas locubrações já tinhamos desenrolado que nos dispunhamos a ir perguntar a um policia qual o motivo de tão rigorosa vigilancia. Mas não nos deram tempo para isso. N'este momento um d'elles chegou-se á porta e disse-nos, n'um rasgo de eloquencia:

— Estamos vigiando a sua casa porque se está imprimindo, cá dentro, *O Syndicalista*, jornal esse que não pode sêr posto á venda!

Démos um pulo para tráz e quasi desmaiámos de commoção. No emtanto, voltados os momentos lucidos, pudémos dizêr ao representante da auctoridade:

— Oh! senhôr! Mas isso é grave! Gravissimo! Então o senhôr só agora é que se lembrou de nos vir dizer isso?... Vamos! Corra, que o momento não é para hesitações! A patria está em perigo! Vá já chamar infantaria, cavallaria e artilharia para nos guarnecêr as officinas e impedir que o jornal saia! Oh! senhôr! Mas avie-se! Por nossa parte vamos mandar suspendêr a impressão e dar immediatamente vóz de prisão a todos os exemplares impressos! Corra, senhôr!...

E o homemsinho, esbaforido, conscio do seu heroismo, correu direito ao elevadôr.

As forças do exercito não se fizeram esperar. Eram commandadas por um general de divisão que tinha sob as suas ordens um furriel e dois corneteiros, fóra 400 companhias de infantaria, duas grósas de metralhadôras e alguns submarinos do typo *Espadarte*. Fizeram magnificas evoluções, no que foram brilhantemente auxiliados pelos aviadôres militares e pelo sr. Antonio José d'Almeida. Entrementes nós, cá dentro, auxiliados pela marinhagem desembarcada dos cruzadôres que estavam fundeados no poço do quintal, armámos rapidamente a força. Forjou-se um processo summario e enforcaram-se os exemplares impressos.

Muitos, aproveitando a confuzão conseguiram escapar-se, mas os mortos entregaram-se á policia que os removeu para a «morgue». Emfim! Estavamos livres d'uma coisa que em tão grande perigo punha a patria e a nossa vida.

Resta-nos agradecêr, ao governo ou a quem quer que foi, o favôr que nos fêz de nos guardar a casa desde as duas da manhã, pelo facto de estarmos a dormir... perdão! pelo facto de se estar imprimindo *O Sindicalista*...

NEVROSISMOS

I

ERICEIRA

Senhora, porque foge? Escute n'um momento
a confissão. Eu sei, jamais em mim pensou.
Passava de manhã, olhei... e não olhou...
nem viu no meu olhar a sombra de um tormento.

Busquei seguir-lhe um dia o triste pensamento,
que se desfez n'um ai, e quasi se zangou...
Depois sorriu... sorriu, e para mim voltou
o seu divino olhar, o meu encantamento!

Esperanças que tive! E logo me julguei
Amado! E o riso fôra um escarnecer de fada!
fugiu... não mais a vi, não mais a encontrei!

Escute agora, sim? a confissão guardada
dentro do peito. Então... se eu nunca assim amei...
e o que tenho a dizer é pouco... é quasi nada!

Vinicio.

Porque sahiu errado no ultimo numero faz-se de novo a sua publicação.

V.

Havia de ser difficil...

A proposito do elogio funebre, prestado no Senado á memoria de Carlos Callixto, lemos n'*A Lucta:*

«Depois, por proposta do sr. *presi-*
«*dente*, todos os senadores se conserva-
«ram silenciosos, nos seus logares, du-
«rante cinco minutos.»

Havemos de concordar que foi um sacrificio bastante violento...

Ena pae! Tanta erudição!...

(EPIGRAMMA)

Que mulher tão erudita
Que encontrei há um mez!...
Sabe a lingua moscovita,
No hebraico é uma catita!
E tambem sabe o chinez...

Zé Pequeno.

Instantaneos

II

Ao Pena e Silva

Dera-lhe na cabeça para mostrar uma paixão violenta, toda de amarguras, n'uma imaginação de phantasias, symptomas d'aquelle amor com fumaças a tragico, descambando em ridiculo.

E como ella, indiferente, livre, bastante senhora de si para não temer a rede, o deitásse á margem, desfazendo-lhe as palavras, dispersas numa grande tristeza, tristeza excessivamente ridicula, que elle espalhava nas imprecações de enamorado, na verbosidade quente, exaltada, d'aquella ambição selvagem que rugia, feroz de tedio, de ameaças, elle tremia de ciumes, parvo de dôr, a que não faltava o pranto, o soluço, em fim o scenario completo para a grande scena de um coração espicaçado...

E era assim que elle tomava uns ares de drama, n'um nervosismo de occasião, cahindo, mais tarde, desamparado... na asneira de confessar que se matava!

....

E não morreu!

*

Não morreu... e casaram.

Pois que a vida é isto, elle, farto até aos cabellos d'aquelle papel de galan dramatico e chorão, mesquinho aos proprios olhos de nada valer sem ella, corria o perigo de ir de embate á morte se ella, perdida afinal nos suas esperanças desfeitas, não lança ao infortunado a amarra da sua mão salvando-o d'esse perigo tragico... casando com elle!

Elle era musico, — e ella... esse pedaço de carne que o homem busca para a satisfação brutal idealisada pela sensualidade. Nada mais era senão o goso carnal, a companheira que elle pretendia, para sempre.

Pouco a pouco tombaram os sonhos sempre que se erguia ante elle a realidade. A harmonia falhava, e uma noite, quando o sorriso d'ella não era mais do que o ultimo lampejo do seu sacrificio perante o futuro, cada vez mais negro, entra elle, cambaleando, embriagado vergonhosamente. E como a vida é isto, e como ella se erguesse para o censurar do brio perdido, ergue a mão e a sua colera e os seus socos caem sobre a mulher, o idolo quebrado, chorosa, abatida, infelicitada.

E porque uma vez no ensaio lhe perguntaram, na interrogação indiscreta, impertinente pela vida alheia, se a mulher amada — que o sabiam noivo de pouco tempo — tambem cultivava a musica, se era artista, se contribuia de qualquer forma para o desenvolvimento da arte, elle responde, mysterioso, cynico, sorridente, com um ar de insinuação velhaca, ferindo a companheira com a brutalidade do remoque, que sim, ... que era um bombo n'uma festa!

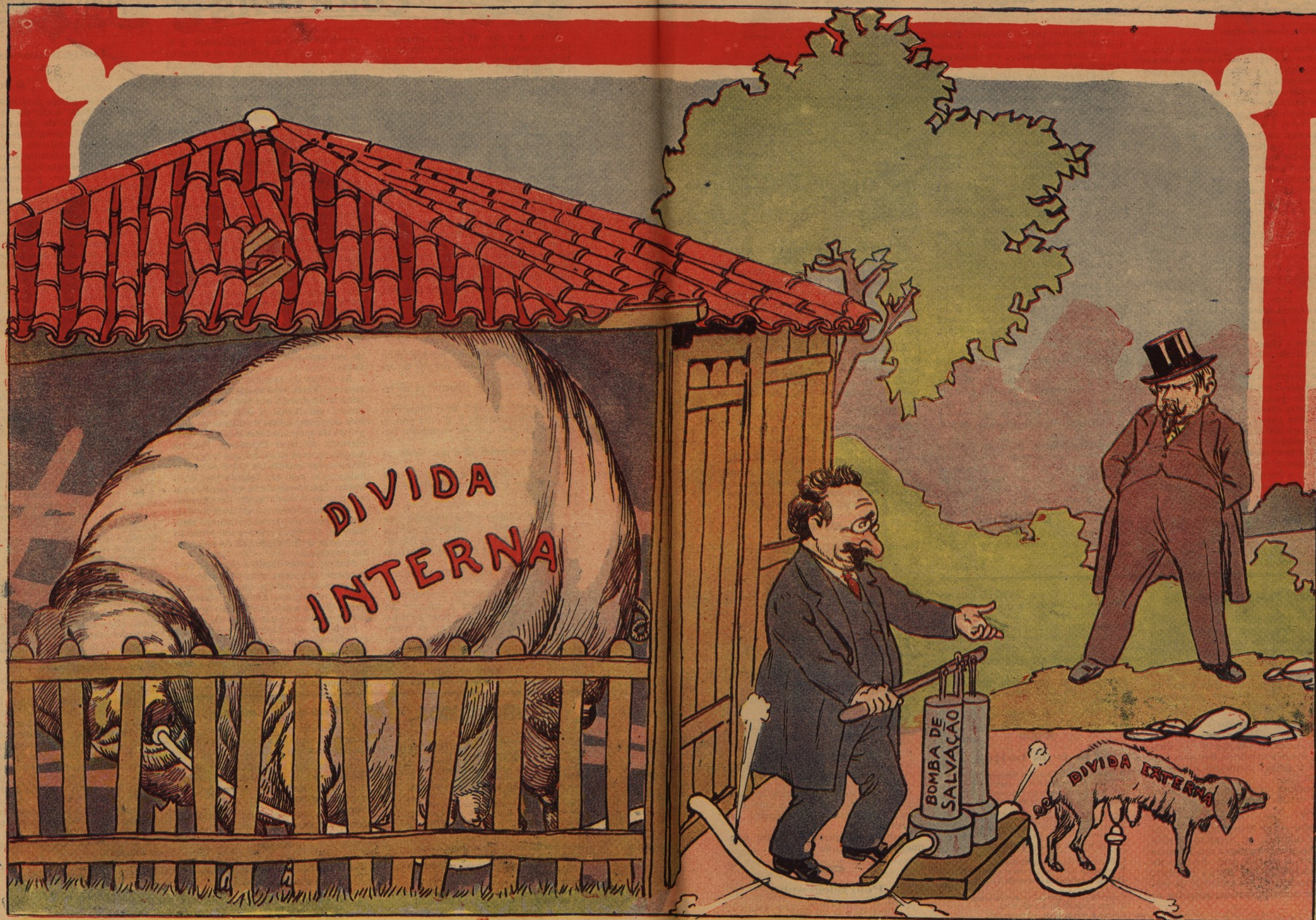
....

E era assim que elle tomava uns ares de drama...

André Deed.

Pelo correio

Caro amigo
'Ma novidade
Que certamente aprecias,
Pois digo-te e com vaidade,
Que vae sahir «**O Matias**».

SERÁ ESTE O PROCESSO?

— Assim é que é governar. Ora aprenda lá sr. Antonio José, como se dá á bomba!...

Eccos das festas

Lisboa teve a sua semana de festas, oito dias de alegria, para esquecer amarguras, dando á cidade um aspecto novo de movimentação, e ao seu publico uma impressão agradavel e que decerto ficará como saudade até ao anno.

Lisongeiro é recordar que de todas essas festas a nota mais frisante do resurgimento da nossa alma foi a nota patriotica, o amor pela nossa patria, o amor pelos nossos costumes.

Desde a grande revista de Belem, com esse punhado de rapazes das Escolas preparatorias, até ao sarau da canção nacional, a Patria foi a dominadora de todos, e a ella, e por ella, se ofereceram n'um patriotico holocausto os espiritos da nossa raça, a alma de todos os portuguezes.

Todavia, factos se deram que a imprensa não relatou, e que só aos olhos de observadores minuciosos elles tornaram vulto, e, agora que as festas vão longe, o ecco dos numeros irritantes dessas festas resoam ainda, como notas tristes nos faustosos dias da alegria nacional.

Vamos a elles:

Em Belem. A tribuna presidencial cheia, com o velho chefe do Estado e com o governo e convidados. O calor é demasiado. E porque é demasiado, vê se o grande jornalista Ferreira Martins, sem colete, casaco sobre a camisa, bebendo uma gazosa, do alto da Tribuna onde se encontrava o chefe da nação.

O pavilhão do presidente tran formado, democraticamente, em pavilhão de refrescos!

Outra: o Porta bandeira de um colegio não pode esperar mais, e porque não pode esperar diz a um colega: — D'aqui a nada largo isto no chão e raspo-me! *Isto*... era a bandeira nacional.

Outra: Nas tribunas dos convidados, antigamente ocupadas por uma sociedade distinta, estão a transbordar de uma elegancia pouco invejavel. Pouca delicadeza e muita desordem. As senhoras pareciam homens... e os homens... carroceiros!

Na Rotunda: — A canção portugueza pelas tricanas é interrompida, por que a desordem reina em alguns pontos, e o respeito pelos hospedes é nullo. Não existe autoridade moral porque a auctoridade... civica não tem o respeito do publico.

Pois se até a entrada do distinto violoncelista João Passos no Palco do Theatro Nacional causou reboliço...

Contou-me depois um amigo que a sua entrada deu a impressão de um cylindro... de carne rebolando, prestes a cahir sobre a platéa...

E aqui está o lado triste da festa da cidade. A desordem e a má creação, numeros que não foram incluidos no programma, todavia certos, sempre que o povo seja chamado para honrar com a sua presença qualquer festa da terra.

O povo é bom; de mistura com elle ha o arruaceiro. Sem a educação, a indisciplina dominará todos, e não será para admirar que o bom se estrague.

As más companhias...

Correio do Sul

Este jornal republicano de Almada tem noticiado nas suas colunas, com palavras de amistosa sinceridade, a iniciativa tomada por João de Brito — para a exploração do Theatro Universo de Cacilhas.

De facto, João de Brito, da Companhia Cinematographica de Portugal, conseguiu fazer do referido theatro o ponto de reunião obrigada dos habitantes de Cacilhas, dando belas fitas cinematographicas, que teem despertado o interesse do publico. As palavras do *Correio do Sul* são justas, porque alvejam um bello rapaz como é João de Brito, digno de ser ajudado no seu trabalho e merecedor da nossa estima.

Vinicio.

Authentico

Certo ratão impavido e brejeiro,
A *Lavallière* preta et-cetra e tal,
Impôz-se como sendo d'um jornal
O melhor redactor, quasi o primeiro.

Foi n'um animatógrapho. Um parceiro
Que comprára um bilhete de geral
Viu o typo, escutou o seu estendal
E perguntou-lhe logo, prasenteiro:

— Qual é o seu jornal?...
— E' *O Piôlho*,
Que sáe regularmente e nunca cessa
De criticar, morder como um pimpôlho!

Diz lhe o outro: não é a sorte avessa,
E o amigo trabalha e tem bom olho
Porque só traz piôlhos na cabeça.

Orlando.

Dia

Milagres financeiros: Commenta este jornal monarchico os progressos da nossa finança e alcunha-os de *milagres financeiros*. E' que o *Dia* está agora a recordar-se do tempo em que partilhava das finanças do paiz, onde os milagres só existiam... para *elles*.

O Mundo

Ainda é cedo: Pergunta á oposição se ella não vê que ainda é cedo, para governar. Vê... vê... mas é que quanto mais esperar mais as economias estão em riscos de fugir... d'ella!

Republica

Sem governo: Tudo foge da Republica como quem foge da casa com Peste!

Isto sem governo! Emquanto esse homem não fôr ao poder Portugal caminhará para o abysmo a passos largos. A salvação da patria está no evolucionismo como a anemia nas Pilulas Pinck.

A' Republica

VII

Se, quando tu firmaste o teu poder,
esqueceste os mil agravos recebidos,
daqueles que, mais tarde, destemidos,
quizeram teu imperio desfazer;

Se tudo tens tentado p'ra manter
direitos pelo povo conseguidos,
sem que, de parte a parte, sejam fridos
combates cujo horror é de prevêr;

Não deixes proseguir os desatinos
dos que se dizem povo e, todavia,
só mostram ser do povo os assassinos.

Matar por fórma tal é cobardia!
....
Se os lobos nos rebanhos presentimos....
prepara-se a seguir a montaria!

KK. To.

Informações

Dúplo crime — Foi hontem presa a pedido dum sújeito chamado Piano, a menina Aurélia Cornélia Trombelia por esta ter partido o teclado ao queixoso, «e por intermedio do mesmo, ter assassinado o Fausto» na noite de 3 do corrente. A policia tem esperanças de encontrar a victima, tendo já aprehendido a partitura da mesma.

Scena de púgiláto — Houve há dias uma violenta scena de pugiláto entre o sr. Celorico Gil e a sr.ª D. Gramatica, tendo esta sofrido bastantes ferimentos e graves contusões n'algumas palavras.

Chamado á pressa um diccionario foi S. Ex.ª metida nelle onde regressou a sua caza.

Prisão — Foi mandada ordem de captura contra o sr. Serapião Pereira Sardinha, por ir pescar o seu 3.º nome a Algés e ir assal-o para debaixo do segundo apelido que há ali proximo. Há esperanças de lhe encontrar as vitimas que serão novamente lançadas ao mar.

Atropelamento — Foi ontem atropelado por um electrico no Chiado o sr. Dinamitoff Trinca-Espinhas. Este senhor já é o 3.º desastre que lhe sucede. O primeiro foi um automovel que o derrubou nas escadinhas de Santa Justa, o segundo foi egualmente um electrico na rua da Prata. Conduzido em braços ao hospital de S. Gonçalo ficou em tratamento numa cama que o desventurado individuo tivera tido o cuidado de meter n'algibeira prevendo qualquer desastre.

O Pevide sem Felix.

Os teus beijos

Aquéla a quem adóro com ternúra,
Com um profundo amôr de namorádo,
Se lhe mendigo um beijo apaixonádo
Nega-me o a *sorrir* com tal candura!

Que no meu coração sinto a amargura
De quem vê desfolhár em sônho amádo...
E digo-lhe: — é um só! — e élla murmúra:
— Que teimôso *que és!* que descarádo!...

Semi-cérra o olhár languidamente,
E enquanto que o pudôr em si se apouca
Declina a *cabecinha* levemente...

E depois — aí, depois! — aquéla louca:
E' bem capáz de têr a rósia bôca
Coláda á minha bôca, etérnamente!

Porto, 1913.

Salvaterra Junior.

Agrado certo

Corre o boato de que as eleições para deputados se realisasão no ultimo domingo de outubro ou no primeiro de novembro.

O' diabo! Porque não mettem este numero nas *festas da cidade?*...

Pelo telegrapho

Lisboa, em tantos de tal
(Recebido já ha dois dias)
Senhor director do jornal
Sabado, sahe
O Matias.

Uma comissão tecnica de maquinas e caldeiras da armada, descubriu agora, o que já estava descoberto nas marinhas mercantes ha mais de 30 annos, isto é, descubriu que deixar a iniciativa e conducção do fogo das fornalhas, aos simples fogueiros, é nóciva aos interesses da fazenda Nacional.

Pois sim, sim, mas talvez os nossos leitores não saibam que nas casas das maquinas fáz muito calor, e não podem os senhores engenheiros andar por lá de luvas brancas.

Depois, os subalternos que conhecem muito bem os seus direitos, dizem para os recenchegados = á terra onde fores têr, fáz como vires fazer.

Antes d'outubro de 1910, até se chegou a mandar o Africa á Inglaterra meter caldeiras, para os **alcatroeiros** irem fazer estação, emquanto os **vasa-bispos** estudavam em Napoles o problema de **fechar o circulo.**

Parabens á comissão tecnica, e permita o supremo architeto que ella descubra mais alguma coisa das muitas que nós sabemos.

●

Não temos duvida alguma em declarar aos nossos leitores e em especial aos interessados que os pruridos da moda, já chegaram até nós, e pois que a moda é diser mal do sr. Affonso Costa, lá vai tambem um bocadinho do chic.

O sr. Affonso Costa, é contra o progresso; mas nós não nos limitaremos a palavrões de effeito, e vamos provar o que afirmamos.

O padre Antonio Vieira disse que roubar é uma arte, rasão porque os ladrões são uns artistas, logo, conservar ou reter os eminentissimos, reverendissimos e excelentissimos gatunos, nas prisões é um acto anti-progressivo, é ter pouco respeito por tão escelsos e eminentissimos artistas, é emfim uma tirania de que só o sr. Affonso Costa seria capaz, privando creaturas tão tementes a Deus, de poderem ir á missinha, á saida da qual poderiam pôr em pratica a sua destreza, ou esperimentar na pratica, os effeitos d'um aturado estudo de gabinete.

Mas, já d'aqui prevenimos o sr. Affonso Costa, que não levará por diante a sua tirania.

Os Eminentissimos, Reverendissimos e Ex.mos João de Freitas, Celorico Gil e Companhia, interpelarão o sr. presidente do conselho no parlamento e obrigal-o-hão a respeitar a florescente industria dos cavalheiros, ou vice versa, que tanto procuram dar brilho á arte que o **Esterqueira** pretendia levar ao cumulo da perfectibilidade de mãos dadas com o outro artista não menos digno de menção, o grande Carlos Simão, que se engasgou com um caroço d'ameixa, quando já contava com 250 milhões nos bancos estrangeiros.

Mas ha mais...

Todos nós sabemos que antes de 5 d'outubro de 1910, os chefes d'estado em Portugal, tinham os titulos de reis de portugal e dos alarves d'aquem e alem mar etc., óra não é em pouco mais de dois annos que os alarves deixaram, no todo de cá residir, apesar de muitos andarem a monte, havendo toda a rasão para esses alarves serem castigados na rasão directa do seu estado siamez.

Assim o tendo entendido algum **gajo** d'alto lá com elle, tratou de publicar uns cartões a que chamou postaes, onde se via uma coisa parecida, algo, com o filho de uma das onze mil Virgens do paraiso do sr. Antonio José d'Almeida, conhecida por Maria Amelia d'Orleans, pelo modico preço de 10 centavos.

E' claro que só os alarves, e assim ficariam bem castigados, compravam **aquilo** por banha de cheiro, quando o governo resolveu prohibir o castigo.

E' isto justo sr. Affonso Costa?

Com o calor, que quasi nos tem esbodegados, ficam-nos no tinteiro muitas coisas que no proximo numero traremos a publico e que decerto farão grande brecha no seio do gabinete ficando já os talassas prevenidos para irem apanhar pés de bispos ou os proprios se quizerem.

Abelha Mestra

O JUDAS!..

Ao meu amigo tenor
Pedi um fato emprestado
P'ra vestir Judas traidor,
Que devia ser queimado.

Elle já todo escamado,
Mal que viu o fato a arder...
Cresceu p'ra mim c'o cajado,
Mas não me chegou a bater!...

Zé Pequeno.

Alcovitices

Do *Seculo*:

Coliseu

Preciso muito falar — Será possivel ?
Se estiver d'acordo peço indique pelo sinal combinado.

O signal póde ser o de dizer adeus... com a mão fechada que é o signal de... recolher.

Ahcor.

Cancioneiro

Ao *democrata* se encosta
minha alma em ardente fogo,
se o senhor Affonso Costa
abrir as portas do jogo! (*)

KK To.

(*) *Fica um jogo «de porta...» aberta.*

O ZÉ no theatro

Republica — A feliz revista *De Capote e Lenço*, em scena n'este theatro, continua a attrahir enchentes. Ahi por volta das oito horas já não ha bi hetes na casa, de modo que quem quiser gosar o bello trabalho de Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes tem que prevenir-se a tempo. Como critica politica é o melhor que temos visto e não se fiem no André Brun que é um .. *pevide.*

Appolo — E' hoje a première da celébre peça de Sardon, *Tosca* que está posta em scena com grande explendôr. Palmyra Torres fará o papel de *Floria Tosca*; Henrique d'Albuquerque o de *Cavaradossi* e Leopoldo Froes o de *Scarpia*. Tudo promette uma noite de arte.

Avenida — A companhia juvenil *Billaud* continua a deliciar-nos com os variados espetaculos que todas as noites decorrem agradavelmente. E não admira porque os petizes cantam as mais difficeis operettas e ainda por cima, em espectaculos populares, a preços redusidos.

Colyseu de Lisboa — Approxima-se o final do campeonato de luta. As ultimas sessões teem sido magnificas e o publico tem-se enthusiasmado com alguns luctadores, como Pedrosa, Raoul de Roneu e Aimable de la Calmette, este ultimo pela sua brutalidade.

Trindade — A magica *O Fim do Mundo* está para durar. Optimo desempenho, belissimos scenario e guarda roupa, tudo isso contribue para o successo da peça que tem bella *piada* politica.

ANIMATOGRAPHOS

LORETO: Fitas falladas dramaticas e comicas.
TRINDADE: As fitas de maior successo. Programmas escolhidos.
OLIMPIA: Concertos e animatographo. Preparam-se novidades.
CHIADO TERRASSE: Animatographo muito querido do publico.
CENTRAL: Toca lá o Passos, e mais não dizemos. Isto basta.
ROCIO-PALACE: Animatographo e variedades apresentando coupletistas bôas, em todos os sentidos.

Intempéries alfacinhas

Pela calmosa estação,
N'esta nossa Lisbia amada,
Regorgita a multidão,
Anda a pobresa animada.

Chegou o mez da frialdade,
Porém, o que vejo agora?
Os saloios pela cidade,
Trazendo o nabo de fóra....

Zé Pequeno.

Chiado Terrasse

São consecutivas as enchentes n'este *cine* da moda, o que não é para admirar, pois que o programma é sempre tentador. Magnificos concertos.

Pelo telephone

— Está lá?
— Quem fala?
— E' do *Zé*,
— Está muito bem, queira ouvir:
Já no sabado certo é,
Que **O Matias** vae sahir.

GABINETE DE LEITURA

Só assim é que elles conseguem lêr alguma coisa, mas quasi sempre ficam a ler ...